

# Destruição e Linguagem

Alfredo Maria Bonanno

1996

(...) A estrutura de dominação, as condições de conflito e a composição da classe explorada mudaram de tal forma que uma operação como “a tomada do Palácio de Inverno” no sentido marxista ou a libertação de fundo, no sentido anarquista, tornou-se absolutamente inconcebível. Esses dois esforços são antitéticos, mas compartilham a ideia de tomar os meios de produção e colocá-los nas mãos dos representantes da classe explorada que organizarão a sociedade liberada. Então, o que resta?

O que resta é o ataque destrutivo ... e este é um ponto muito ambíguo ... O que significa destruição? O que significa derrubar uma treliça, quando cem mil, talvez um milhão deles ainda estão de pé? Qual é o seu significado?

Acho que teremos que refletir um pouco, dar um passo atrás. Cada um de nós construiu uma concepção positiva e negativa da realidade dentro de nós mesmos. Vivemos em um contexto que supomos ser real (a menos que aceitemos o conceito da borboleta e do sonho), real e positivo, ou seja, correspondente a uma dimensão construtiva dotada de características que evoluem ao longo do tempo, e definimos essa evolução como história. Das brumas de uma hipotética escuridão negativa, da meia-idade, chegamos à civilização moderna. Agora há a penicilina, e as pessoas não morrem mais da peste ou mesmo da malária, pelo menos dentro de certos limites, já que ainda existem partes do globo onde as pessoas morrem dessas coisas.

Assim, dentro de nós mesmos, damos um valor positivo ao construtivo, já que somos uma organização (mesmo do ponto de vista biológico) e temos medo da morte como o conceito extremo de destruição. Nós pensamos que nossa vida é uma acumulação do positivo. Somos bebês, crescemos, ficamos mais fortes, tornamo-nos adultos, depois velhos e depois morremos. O último é sempre relegado ao futuro, mas no decorrer de nossas vidas queremos apenas adquirir ... reconhecimento (mas não imóveis, já que como anarquistas e revolucionários não possuímos propriedade). Mas isso não é tudo que queremos fazer. A partir do momento em que pensamos em crescimento e aquisição como positivos, consideramos a quantidade positiva. Em outras palavras, se conhecemos três idiomas, nos consideramos melhores do que alguém que conhece apenas um ou dois. Não percebemos que há uma hipótese funcionalista, uma hipótese utilitária, em tudo isso. Há resíduos daquele antigo processo do século XVIII que pensava que, ao buscar o que é útil no indivíduo singular, obtém-se um aumento do que é útil em geral na humanidade. Este é um conceito mais nefasto que teve muitas consequências negativas. O que acontece quando consideramos quantidade, quantidade cotidiana, como qualidade de vida?

No desejo agonizante de ter algo para possuir, perdemos algo por ser alguém, perdemos a qualidade de ser alguém, e não somos mais capazes de distinguir essa realidade nossa, pela qual vale a pena viver.

Eis por que tememos a destruição: primeiro, porque nos lembra a morte. Segundo, porque nos lembra da recusa da funcionalidade. Aquele que destrói não é funcional para nada.

Não é, de fato, verdade – pelo menos não completamente – que derrubar uma treliça cause danos reais aos interesses da ENEL<sup>1</sup>. Não há equação pela qual “menos uma treliça” seja igual a “mais uma lesão à ENEL”. Uma relação absoluta desse tipo não existe, e qualquer um que tente provar tal equação está falando bobagem. Então, por que tememos a destruição? Tememos algo dentro de nós mesmos, não algo fora de nós mesmos. Podemos entender quantidade, crescimento e aquisição através da razão. Podemos entender a crítica de tudo isso através da razão, levando ao pensamento fraco que mencionei anteriormente, a incerteza, a dúvida, etc. Não podemos entender a destruição através da razão, porque para entender o conceito de destruição em seu sentido mais radical, cada um de nós teria que sentir um sentimento de repulsa por nossa dignidade ofendida, a fim de entender o significado da destruição, cada um de nós teria que estar pessoalmente envolvido.

Não podemos destruir algo se não estivermos dispostos a nos destruir no momento em que destruímos essa coisa. Na minha opinião, esse é o conceito de envolvimento no ato destrutivo. Podemos separar o ato aquisitivo e construtivo de nós mesmos e dizer: “Veja, eu possuo uma casa e uma biblioteca de 10.000 volumes”, mas não podemos separar a ideia de destruição de nós mesmos. Em outras palavras, podemos usar a linguagem para ilustrar o conceito aquisitivo, a casa, os livros, a cultura, o crescimento, as três línguas que dominamos, mas não podemos usar a linguagem para ilustrar o problema da destruição. Minhas palavras não fazem sentido. É por isso que elas chovem em suas cabeças como se fossem desprovidos de significado, porque falar de destruição não faz sentido exceto através de outro tipo de

---

<sup>1</sup> Companhia Elétrica Italiana

linguagem. Este outro tipo de linguagem ... não é meramente formado de palavras, mas daquela combinação extraordinariamente complexa que se realiza entre teoria e prática. A totalidade de cada um de nós, do nosso ser humano, o ser profundo do nosso corpo e do nosso pensamento, é a simbiose entre teoria e prática, não só o risco, mas também o desejo, o prazer, o desejo de viver a nossa vida totalmente, esta é uma linguagem diferente. E não é uma linguagem que pode ser classificada em palavras ...

... Destruição não é uma ideia metafísica. A destruição consiste em entrar em um lugar e destruir algo, mas o processo que nos permite realizar essa ação é um processo que deve envolver-nos em nossa totalidade, como seres humanos completos, como homens e mulheres capazes de nos expressar em plenitude, não na separação que quer nos distinguir daquilo que adquirimos, daquilo que sabemos, daquilo que possuímos, não nesta separação, porque a linguagem das palavras domina nesta separação. E esta é uma linguagem ditada pela racionalidade de séculos de opressão, em suma, a linguagem cartesiana daqueles que construíram prisões, câmaras de tortura, inquisições; a língua dos padres, franciscanos, dominicanos que enviaram Giordano Bruno para a fogueira em Campo di Fiori. Mas na destruição prevalece outra língua, na destruição é necessária outra língua.

Na destruição, a linguagem da gratuidade, do desmantelamento, da linguagem do mito, de Dionísio, floresce. Dionísio é o deus da estranheza, o deus que vem como um ladrão na noite, que penetra em nós. Dionísio é o deus das mulheres, não dos homens. Isso porque esse conceito de destruição é mais compreensível para as mulheres do que para os homens que são muito mais medrosos do que as mulheres.

Por que o conceito de destruição está ligado a Dioniso, o deus que veio à noite como um ladrão, o deus que não tinha lugar de adoração, mas era um estranho em todos os lugares e em todos os lugares penetrou nos cultos de outros deuses? Porque o culto de Dionísio é essencialmente baseado na destruição, na verdade, no rasgo em pedaços (*sparagmós*) do inimigo. A vítima é desmembrada, despedaçada, esmagada, e esse é o significado efetivo da destruição, na qual vemos o envolvimento dionisíaco no ato primordial de destruir radicalmente o inimigo em sua raiz mais profunda. Isso não tem nada a ver com ataque quantitativo.

Pela primeira vez, estamos entrando em uma ordem de problemas que são diferentes, que nada têm a ver com a crítica tradicional do partido, do sindicato, etc. Naturalmente, quando falamos em destruição, uma vez que é um perigoso campo minado em que há muitas objeções, a discussão pode continuar indefinidamente. É por isso que quero concluir dizendo que o conceito de destruição é expressável através da totalidade da pessoa que o realiza em ações, e no momento em que o realiza em ação, é teoria, a possibilidade de ser compreendida pelo outro. Ao contrário do conceito construtivo, que pode ser separado daquele que o realiza, que pode ser muito bom em falar sobre os problemas relacionados à construção e assim por diante.

... Eu quero que seja bem entendido que não há apenas a linguagem das palavras que todos nós experimentamos, mas outras possibilidades de comunicação também. Pode-se dizer que cada um de nós tem sua própria língua. É por isso que, quando entendemos o que é a destruição, quando entendemos que não se trata apenas de destruir computadores, quando nos tornamos conscientes de que esse é apenas o aspecto lúdico do problema, mas que há algo mais que precisamos considerar, algo que nos envolve pessoalmente em nossas raízes mais profundas, e que isso tem seu impulso inicial naquela parte de nós mesmos que se relaciona com a dignidade ferida de que estamos certamente conscientes, porque senão não estaríamos aqui, nem seríamos um dos camaradas, então já estamos na posse de linguagem destrutiva, podemos começar a ser destrutivo.

Você já se perguntou por que você está enojado quando vê um fascista? Ele é um ser humano, como você, como eu. Ou melhor, já que os fascistas às vezes são até homens e mulheres jovens e belos, por que eles te enojam? Por que a polícia te repugna? Porque eles são perigosos? Por causa do que eles dizem? Não. Isso é algo que não é bem compreendido. Quando estou na prisão, a pior coisa que vem diante dos meus olhos é o homem de uniforme. É por isso que fecho a porta para evitar vê-los, para evitar ouvi-los falar. Podem até dizer coisas inteligentes (um fato difícil em si), mas há algo que não pode ser compreendido, algo que repugna.

Quando se fala do problema da destruição, há também a objeção de que não é possível fazer uma distinção entre o vândalo que esmaga tudo e o revolucionário que ataca após um processo de raciocínio preciso. O problema permanece e não é facilmente identificado. Uma diferença "objetiva" entre o ato revolucionário destrutivo e o ato de vandalismo não pode ser pregada, sem se deparar com grandes

dificuldades. Não podemos buscar uma diferença “objetiva” que nos tranquilize de uma vez por todas. Não podemos dizer que esmagar o furgão policial e derrubar a latada são atos revolucionários em si mesmos, enquanto a luta no estádio de esportes é um vandalismo. A gratuidade não é um fator decisivo em como se determina a distinção entre vandalismo e o ato revolucionário. Se fosse, mais uma vez a hipótese funcionalista estaria lá, o objetivo a ser alcançado ocuparia inteiramente o espaço do raciocínio. Se pensarmos que, cortando uma treliça ENEL, derrubamos o coração do Estado, então estamos verdadeiramente fora do espaço, mesmo que fossem centenas de treliças. Não é a lógica matemática que conta.

É importante entender que a diferença que existe é ser buscada na maturidade individual das pessoas que realizam esses atos, naquilo que sentem, no que desejam, e até naquilo que conseguem projetar na prática, transformando o sonho em atividade concreta.

Não há dúvida de que no hooligan se encontra, e se opõe, um estranho acúmulo de sentimentos. Existe a gratuidade do ato, a ignorância, a incapacidade do vandalismo de captar os elementos que determinam a realidade que o rodeia. Mas também há um sentimento de rebelião. Isto não é para sugerir que esta rebelião tenha precedência, já que muitas vezes no hooligan, o instinto de rebanho prevalece. Não é verdade, de fato, que aqueles que lutam em estádios esportivos correm tumultos individualmente. Eles são quase sempre arregimentados através de processos de reunião, financiados por vários clubes, reunidos através de estruturas de equipe, símbolos, slogans, pedaços de velhas ideologias, etc.

O camarada que age atacando uma estrutura do inimigo, sem querer recorrer à identificação de um plano puramente “objetivo”, parte de motivações diferentes, de um amadurecimento social mais articulado. Se, na esfera individual, o hooligan não sabe como passar o domingo agradavelmente, o camarada, em vez disso, envolve todo o seu ser em atacar um objetivo. Entrar na dimensão destrutiva rompe com a tradição persistente de crescimento quantitativo e institucionalização da vida regrada por outros. Essa é a diferença.

Na minha opinião, a chave da explicação é buscada em comportamentos que têm uma importância subjetiva, sem que tais comportamentos tenham que se abandonar, por isso, à atomização, à condição elementar de componentes isolados sem coesão entre eles. E é óbvio que temos medo de reconhecer que é possível que uma motivação individual seja um ponto de virada. E temos medo porque há cento e cinquenta anos eles nos indicaram que é necessário não partir do indivíduo, mas da classe, da análise objetiva, da história, dos mecanismos intrínsecos da história, daquela coisa chamada de materialismo dialético. Ainda não nos libertamos dessa herança.

Biblioteca Anarquista



Alfredo Maria Bonanno  
Destruição e Linguagem  
1996

theanarchistlibrary.org  
Tradução e Revisão por André Tunes @Consciência Subversiva

**bibliotecaanarquista.org**